



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Bloco 2

Corpos, gêneros, sexualidades e cidades: perspectivas
interseccionais e experiências metodológicas

Corpos Dissidentes e Territorialidades em Salvador

Marcelo de Trói

Universidade de São Paulo

Corpos Dissidentes e Territorialidades em Salvador

Resumo:

O texto é a transcrição da fala do jornalista e pesquisador interdisciplinar Marcelo de Trói, apresentada na Mesa 4 (Corpos dissidentes e territorialidades outras) do Colóquio Cidades Sexuadas, em 30 de setembro de 2022. Em sua exposição, Marcelo de Trói mostra que a cidade produz subjetividades por meio de dispositivos de poder que territorializam corpos e modos de vida, ao mesmo tempo em que registra como corpos dissidentes criam territorialidades próprias de resistência, revelando que o espaço urbano não se funda em uma única perspectiva, mas é palco de múltiplas narrativas históricas constituídas por lutas e insurgências desses corpos.

Palavras-chave: Território; Dissidências; Colóquio; PPG-AU/FAUFBA.

Cuerpos Disidentes y Territorialidades en Salvador

Resumen:

El texto es una transcripción de la intervención del periodista e investigador interdisciplinario Marcelo de Trói en el Panel 4 (Cuerpos disidentes y otras territorialidades) del Coloquio Ciudades Sexuadas, el 30 de septiembre de 2022. En su presentación, Marcelo de Trói muestra que la ciudad produce subjetividades a través de dispositivos de poder que territorializan cuerpos y modos de vida, a la vez que registra cómo los cuerpos disidentes crean sus propias territorialidades de resistencia, revelando que el espacio urbano no se funda en una única perspectiva, sino que es escenario de múltiples narrativas históricas constituidas por las luchas e insurgencias de estos cuerpos.

Palabras clave: Territorio; Disidencia; Coloquio; PPG-AU/FAUFBA.

Dissident Bodies and Territorialities in Salvador

Abstract:

The text is a transcript of the speech given by journalist and interdisciplinary researcher Marcelo de Trói at Panel 4 (Dissident Bodies and Other Territorialities) of the Gendered Cities Colloquium, on September 30, 2022. In his presentation, Marcelo de Trói shows that the city produces subjectivities through power devices that territorialize bodies and ways of life, while also recording how dissident bodies create their own territorialities of resistance, revealing that urban space is not founded on a single perspective, but is the stage for multiple historical narratives constituted by the struggles and insurgencies of these bodies.

Keywords: Territory; Dissidence; Colloquium; PPG-AU/FAUFBA.

Bom, eu queria retomar alguns conceitos da filosofia da diferença para a gente falar sobre outras territorialidades na cidade. Quando eu falo em filosofia da diferença, eu estou falando especificamente de Deleuze e Guattari (2010), que são dois filósofos franceses que fizeram muitas contribuições para o campo da filosofia. Então, para eles, o desejo sempre é agenciado, e falar em agenciamentos significa dizer que, mais do que uma mera influência, um agenciamento pressupõe segmentos de expressão, conteúdos, coletividades e questões de territorialização. Para Deleuze e Guattari todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial, por consequência, só se pode constituir alianças, filiações e usos da cidade a partir do território.

Isso também significa que o agenciamento é uma maneira concreta e material de demonstrar as relações sociais e seus reflexos na vida cotidiana, relações materiais que remetem ao campo do desejo. A subjetivação, portanto, é coletiva, é produzida socialmente, produzida materialmente e, por isso, quando a gente olha uma imagem de outra época da cidade, consegue identificar um corpo, uma maneira de ser, de estar e se deslocar pelo espaço.

Um corte de cabelo, roupas muito semelhantes, o que se identifica é que os sujeitos em determinadas épocas ficam muito semelhantes, apesar de suas diferenças, e isso ocorre devido à territorialidade, ocorre devido a essa subjetivação coletiva. Neste sentido, a normalização, enquanto uma tecnologia de poder, também acaba influenciando nosso processo de subjetivação. Este processo começa por volta do século XVII, de maneira sistemática, ou seja, implicado em uma produção de conhecimento, implicado em uma tomada de poder. E a cidade, neste contexto, foi o grande laboratório dessa ação.

O pesquisador Michel Foucault (1987) mostra isso quando fala que a partir do século XVII começa uma grande caça aos mendigos, aos chamados vagabundos, ociosos, libertinos, que foram expulsos das cidades, ou a partir de mecanismos de controle muito mais eficientes, foram trancados em instituições para serem controlados. Foucault (1987) revela que o poder não é repressivo, mas sim produtivo. A repressão, ela é apenas um efeito colateral do poder, não a sua base propriamente dita. Para Foucault (1987), o que está na base do poder é a produção, é a possibilidade de discorrer e falar sobre as coisas, nomear as coisas, é criar conhecimento a respeito de determinadas coisas.

Então, questiona-se: o que é a cidade, senão o espaço público de produção de maneiras de ser e estar? Trata-se de produções que emergem na disputa entre hegemonias e dissidências, no disciplinamento urbano, no direito de aparecimento público de al-

guns corpos em detrimento de outros, na forma como nos movemos pela cidade e reivindicamos o nosso direito de nela existir, bem como na própria relação com o sentido de construção da materialidade urbana. Ou seja, aquilo que se transforma e aquilo que permanece enquanto história material da cidade. E assim, podemos questionar: por que determinadas casas são derrubadas? Por que outras permanecem? E por que determinadas coisas são construídas? Por que determinadas estátuas e monumentos são erguidos? Por que outros não são construídos ou são retirados do espaço público?

Para compreender como se dá esse processo, é preciso voltar ao século XIX, um século fundamental para pensar biopoder, política e biopolítica. No século XIX, as preocupações do pensamento europeu com a espécie humana, o cientificismo, as epidemias que acometiam as cidades, questões de infraestrutura, expansão urbana e saúde pública — ou seja, os problemas desse local chamado cidade, onde aconteciam as relações humanas e que transformaram essencialmente a sociedade. Com a constituição da biopolítica, surgiu um novo elemento, um novo corpo, como afirma Foucault (1987), que é a noção de população. Antes desse período e do surgimento dessa soma de questões urbanas, não se falava em população; ou seja, não se refletia tanto sobre esse conjunto de humanos que habitava determinado lugar.

Sobre essa questão, o Richard Sennett (sociólogo e antropólogo norte-americano) traz uma importante reflexão. Ele vai se debruçar sobre a história ocidental da cidade, ao longo dos séculos, contudo, através da experiência corporal e com isso chegar em algumas conclusões. A primeira delas é que a civilização ocidental não tem respeitado a dignidade dos corpos humanos, nem as diferenças desses corpos. Para ilustrar isso, o Sennett considera as questões sobre o lugar em que os corpos foram e que ainda estão escravizados, analisando, por exemplo, como as regras de locomoção ainda são segregadoras, já que excluem determinados corpos de determinados espaços da cidade, impedindo a locomoção e o acesso dessas pessoas a espaços da cidade.

Outra conclusão interessante do Sennett (2003) é que, desde a Idade Média, também se criou uma relação muito próxima entre o corpo e a cidade, centenas de analogias entre o corpo humano e o corpo da cidade. Essas analogias acabaram dando ensejo a uma série de metáforas de funcionamento da cidade como funcionamento de um corpo, influenciando diversos pensadores e construtores do espaço urbano. Um dos exemplos disso é como a maioria dos planejadores urbanos pensam o sistema de mobilidade e de transportes de uma cidade, utilizando termos como sistema de circulação, via, via arterial, entre muitos outros exemplos. Ou seja, tudo isso é reflexo desse pensamento que foi plantado na antiguidade e aprimorado no século XIX, de comparar o corpo humano e a cidade, transformar essas coisas em coisas similares que teriam mais

ou menos a mesma forma de se resolver os problemas desses locais, tanto do corpo como da cidade, essas territorialidades que se cruzam. Então, o espaço cria hierarquias e afeta a maneira como a gente experimenta o meio urbano e o modo como a gente vê o outro.

Desde sempre, corpos dissidentes das normas, sejam elas raciais, sexuais, de gênero, têm resistido e criado outras territorialidades para existirem. Esses corpos dissidentes constituíram e construíram seus lugares na geografia da cidade e, para citar o historiador Alberto Heráclito Ferreira Filho (1998), negros e negras tiveram que criar seu espaço, reconhecendo-se mutuamente por meio de uma complexa teia de distinções que regulava a gramática urbana. Assim, desde sempre, esses corpos compreenderam que precisavam construir seu espaço e sua forma de aparecer.

O campo do aparecimento é regulado por normas de reconhecimento, que também são hierárquicas e excludentes, e os estudos da cidade têm demonstrado como se deu a exclusão de determinados corpos no espaço urbano ao longo da história. Isso é um processo que se atualiza constantemente, não é uma coisa que aconteceu e parou, ele está sempre se atualizando. Dessa forma, criar um espaço de aparecimento tal qual o que pessoas negras, mulheres trans e travestis fizeram e ainda fazem em Salvador, especificamente — já que esse foi meu campo de estudo no doutorado —, é uma amostra do poder dessas alianças, dessas reuniões e assembleias desses corpos dissidentes que trabalharam coletivamente para restabelecer o espaço de aparecimento, contestando os poderes instituídos e lutando pelo direito à cidade.

Ao longo dos séculos, nesse cenário austero, as mulheres tiveram um papel fundamental em Salvador, pois foram muito habilidosas e feminizaram a cidade, como já relatavam pesquisas etnográficas de pesquisadoras como Ruth Landes (2002). Até o século XIX, nós tínhamos uma cidade voltada ao masculino, com as mulheres da elite confinadas às residências. Mas, óbvio, lembrando que as mulheres escravizadas, mulheres negras, sempre ocuparam a cidade de Salvador. Essas mulheres circulavam pelas vias públicas, participavam da circulação de mercadorias, ou seja, todas essas dinâmicas da cidade eram realizadas por pessoas negras escravizadas desde o século XVI.

Válido mencionar que quem determinava as regras de comportamento, de ocupação do espaço público nesse período anterior à instituição do Estado Moderno e da separação dos poderes (separação que, sabemos, é um pouco frágil) era a Igreja que, inclusive, ainda exerce influência nos poderes instituídos. E quando olhamos para o período de formação colonial do Brasil, o papel da Igreja aparece muito forte como um verdadeiro poder que determinava as regras de comportamento. É neste período, por

exemplo, que existiu a as chamadas Constituições Primeiras do Arcebispado no século XVII, um livro que pesquisei bastante e que está disponível no Instituto Geográfico Histórico da Bahia (IGHB).

Nesse documento há o relato de que havia muitas regras sobre como as ruas deveriam ser usadas: um dos exemplos é o uso do espaço público durante as procissões. Elas eram previamente estabelecidas em um calendário determinado pelo arcebispado, e as procissões deveriam ocorrer com toda a "decência" possível. Por exemplo, caso a procissão ocorresse à noite, as mulheres e, claro, obviamente, repito, as mulheres cisgêneras brancas da elite de Salvador estavam terminantemente proibidas de participar e, se participassem, poderiam ser excomungadas. Então, essas Constituições Primeiras do Arcebispado deixavam evidente que o espaço público precisava manter uma distinção entre os gêneros, embora encontremos registros de homens que se vestiam de mulher, sendo classificados como sodomitas pela época, uma clara alusão ao que conhecemos hoje por corpos dissidentes das normas de gênero e da sexualidade, levando-nos a supor que essas pessoas não apenas existiam nos séculos XVI e XVII, mas elas marcavam sua presença na cidade.

Esse era o verdadeiro manual de regras e normas disciplinares, que são evidentes nessas Constituições Primeiras do Arcebispado, tudo fruto do que foi estabelecido pela modernidade nas sociedades disciplinares europeias e que não tardou a chegar nessas bandas tropicais, fomentando e produzindo subjetividades, maneiras de aparição nesse espaço público e, não se enganem, isso tem influência ainda nos dias de hoje. Embora a gente não tenha essas regras totalmente explícitas em leis, isso está no imaginário coletivo e também em algumas leis que flertam com a moralidade, com a ideia de decência.

Sobre esse controle dos corpos na cidade, é preciso mencionar que foi apenas a partir da invenção dos artefatos móveis, ou seja, o bonde elétrico, o automóvel, o ônibus, o trem, a bicicleta, da instituição do sistema público de transporte na cidade de Salvador, que as mulheres da elite branca de Salvador começaram a sair nas ruas. Até então, o espaço público era considerado um lugar extremamente perigoso, onde as mulheres decentes não deveriam transitar. Esse novo cenário, das mulheres saindo do lar, vai causar um impacto profundo sobre a cidade e sobre a cultura.

Em grande medida, quando pensamos sobre as permanências do passado ou nas sobreposições temporais no espaço, as quais se refere o filósofo e sociólogo Henri Lefebvre (2000), é compreensível que Salvador, em especial o Centro Antigo, ainda contem com a presença de um grande fluxo de pessoas que continuam a manter o comércio de rua

bastante pujante, porque existe uma prática social histórica e móvel e que atravessou os séculos, determinando as relações de produção nesse território e que hoje estão expressas num enorme fluxo de pessoas que vendem mingau, acarajé, frutas, bugigangas chinesas e muitos outros produtos que ali na Lapa, enfim, em toda essa área de central de Salvador.

Historicamente, quando eu falo de corpos dissidentes de Salvador, eu falo essencialmente de pessoas negras, racializadas, subalternizadas, a maioria das quais, em praticamente todos os períodos históricos e ainda nos dias de hoje, ocupa majoritariamente o espaço urbano durante os séculos. E, por mais que esse processo seja carregado de violência e trauma, a gente pode observar uma resistência enorme das populações que fizeram e fazem a cidade de Salvador.

Por exemplo, desde o século XIX, tentam retirar os feirantes da Avenida 7 de Setembro, incendeiam mercados, feiras populares como o Mercado Modelo, a feira de Águas de Menino. Os comerciantes da Avenida 7 de Setembro, em especial, foram retirados milhares de vezes desse lugar. Além disso, até os dias de hoje fazem de tudo para retirar a população pobre das áreas centrais, a exemplo, da comunidade do Gamboa, dos moradores históricos do Pelourinho, mas assim como as ruínas da Catedral da Sé que estão lá (a gente passa na Praça da Sé e vê as ruínas cercadas), ou assim como a vemos os antigos trilhos do bonde ali na Rua Chile, que resistem nessa cidade, como uma marca do tempo histórico, a presença e a insistência dessa gente, do povo negro, das mulheres negras, das pessoas travestis, a resistência dessas pessoas ainda hoje no espaço urbano é a prova material de que nenhum processo histórico é absoluto. Então, em meio a força da hegemonia, resiste sempre a dissidência de cada tempo histórico afirmando o seu papel e a sua presença no Centro Antigo de Salvador.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador 1890- 1937. **Afro-Ásia**, v. 1, n. 21-22, p. 239-256, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TRÓI, Marcelo de. **Salvador, cidade movente: corpos dissidentes, mobilidades e direito à cidade**. 2021. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, 2021.

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v15i0.74463

Como citar: TRÓI, Marcelo de. Corpos dissidentes e territorialidades em Salvador. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 84-92, 2026.



FAUFBA



**PPG-AU
FAUFBA**

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL